

DEZ PERGUNTAS PARA SE RESPONDER NESSE MILÊNIO

1. Paulo Reis: O iluminismo descartiano procurou separar a razão do sentimento. O homem viveu um período moral onde a ciência era grande propulsora das descobertas, tendo até mesmo que abandonar a idéia de algo supremo, Deus. Desde o Renascimento, passando pelas conquistas das vanguardas, a arte foi o único território onde Razão e Sensibilidade podiam se encontrar. Mas a era da pós-vanguarda anestesiou os artistas em busca de um essencialismo formal, como aconteceu no Minimalismo e mesmo numa parte da Arte Conceitual. Hoje há uma aproximação entre o social e a estética, sem a espetacularização promovida pela Pop Art. Você concorda que os artistas estão mais atentos aos fenômenos sociais e estão promovendo esse debate em suas obras?

Artista: Acho que os artistas sempre estiveram atentos aos fenômenos sociais na medida em que entendo a arte como algo que começa em um e termina no outro, ou seja ela já é em si um elo de sociabilidade.

2. Paulo Reis: O historiador e curador Harald Szeemann, em sua última exposição *The beauty of failure / The failure of beauty*, procurou dar sentido político à arte feita no século XX, desde as grandes utopias até a busca da Obra de Arte Total (Gesamkustwerk) como conceito político. Em contraste a isto, nós temos a arte das gerações atuais que desconfiam das utopias e optam por uma experiência individual, onde conceitos do amor, vida e morte são prementes em suas obras. Sem participar de movimentos, estes dirigem uma crítica à sociedade através de suas experiências, pois não pode haver nenhuma arte sem raízes. Qual sua posição como artista diante de obras que desafiam a sociedade?

Artista: eu geralmente gosto de estar diante de obras que desafiam a sociedade.

Geralmente me sinto bem, não sei bem porque, acho que por estar diante de algo que no fundo está desafiando a mim mesmo, gerando movimento em meu ser.

O sentido amplo de sociedade é algo que hoje está mais na ordem do incompreensível, do inatingível. Não temos, como na época das ditas utopias, uma noção clara deste

corpo, sabemos que algo está doente, vasculhamos frascos vazios de antigos remédios na farmácia da história mas geralmente acabamos rendidos no calor egoísta da própria manta delirando de febre.

3. Paulo Reis: A contradição entre a visão utópica do indivíduo, do artista, das éticas do presente, e a arte que emerge de um indivíduo que expresse o que sente, incluindo sua maneira de se relacionar com pessoas de outras culturas, e que questione o multiculturalismo e a globalização promovida pela arrogante perspectiva dos superpoderosos ocidentais, o totalitarismo político até o fundamentalismo religioso, para além das ambições econômicas, políticas e militares de alguns países. Esse é o quadro geopolítico geral, que exemplifica a vida hoje. Qual a contribuição que o artista poderia dar para uma maior conscientização?

Artista: O artista sempre foi considerado uma espécie de antena premonitória mas eu não gosto muito desta consideração, acho um pouco presunçosa. O artista como o sapateiro, o açougueiro, o político e o kamikase japonês tem que, cada um em seu pequeno mundo, e da forma que sabem fazer, realizar o que acham que deve ser feito sem perder de vista a distancia entre seu próprio umbigo e a do outro mais próximo assim como do mais distante.

4 Paulo Reis. Os artistas de hoje estão muito mais interessados nas fisionomias e no comportamento dos povos. Isso também tem a ver com o fato da grande circulação destes no mercado internacional. Houve um aumento de exposições criadas por curadores cuja formação provém de campos como da sociologia, da antropologia e da comunicação. Há, porém, um medo de alguns artistas de sua obra sirva apenas de material ilustrativo para idéias alheias. É possível que a obra de arte possa sobreviver a diferentes leituras. O que você pensa disso?

Artista: A obra de arte é uma coisa essencialmente feita para receber leituras variadas. E sempre sobreviveu a isso.

Creio que se algo for merecedor da denominação de obra de arte isso naturalmente elimina qualquer possibilidade de um mero caráter ilustrativo, pois para mim uma obra de arte (merecido o nome) se sustenta em si mesma, podendo até ter sido concebida a partir ou em relação a um pensamento mas jamais como um adereço de pensamento.

5. Paulo Reis: Voltando outra vez a Szeemann, que disse apenas se interessar pela intensidade de um trabalho de arte ou de um artista, você acha que é possível apenas um artista se interessar pela intensidade de sua obra e esquecer outras questões que são alheias à obra?

Artista: Com certeza uma obra para ser boa tem que, em alguma instância, ter para com o artista uma relação de intensidade. Intensidade no sentido de sinceridade e vontade. Mas não creio que seja suficiente como parâmetro para despertar meu interesse. Tenho interesse pelo que me instiga. Nem sempre tudo o que é intenso me instiga.

6. Paulo Reis: O modelo perpetrado pelo mercado hoje é do sucesso das revistas de arte e a ocupação compulsória de suas obras nos stands das galerias de arte nas grandes feiras. Qual é papel institucionalizador que uma grande revista pode ter na obra de um artista?

Artista: Creio que tanto o mercado quanto todo o sistema que o compõe (revistas especializadas, curadores, feiras, galeristas, etc) são um pouco perversos e um tanto sedutores. Se por um lado é importante para o artista haver um retorno crítico sobre seu trabalho, por outro não podem os artistas submeterem o seu fazer a esta ciranda viciada do mercado.

A verdadeira arte está longe de ser mera mercadoria. Mas pode muito bem estar sendo analisada pelos críticos em uma grande revista especializada e mesmo anunciada numa propaganda de galeria.

O importante é o artista não pensar nisso ao fazer um trabalho. Uma obra de arte deve nascer livre de seu destino.

7. Paulo Reis: Uma mostra internacional deveria ser o espaço onde estabelecem-se pontes entre a produção local e o que vem de fora. Ela pode ser o lugar de desafio para artistas se confrontarem com outras idéias?

Artista: Naturalmente! Mesmo uma mostra local já possui este caráter de desafio. As vezes até maior do que uma mostra internacional pois o que vem de dentro é muitas vezes incontrolavelmente maior do que o que vem de fora.

8. Paulo Reis: Por falar em desafio, Merleau-Ponty enunciou que o mundo é aquilo que vemos. O ver é estar no mundo, na sentença fenomenológica do “aqui e agora” (*hic et nunc*). Nossa vivência é a do mundo digital. Até onde a tecnologia digital contribuiu ou mesmo ampliou conceitos e limites em sua obra?

Artista:

Posso assimilar a frase „ver é estar no mundo“ mas acho perverso pensarmos no seu contrário bem atual - „estar é ver o mundo“. Parece que cada vez mais as pessoas estão atentas para „ver o mundo“.

Se a tecnologia digital trouxe o mundo para dentro de sua casa, de uma certa maneira também o tirou do mundo.

Existem várias formas de estar assim como várias formas de ver. É preciso lembrar sempre que a realidade é também uma coisa sem moldura e sem tela. É preciso estar atento para se permitir estar desatento. Se dígito é número é também tato, sensualidade de também poder sentir o mundo sem a onipresença do olhar.

9. Paulo Reis: Hoje o artista é uma semente aberta às experimentações, um ser livre dos rótulos da singularidade que antigamente eram impostos a ele; hoje ele pode esculpir, fotografar, criar objetos, fazer filmes, performances, executar uma instalação, enfim, criar um objeto artístico de grande fruição sem se ater aos meios. Isso lhe parece uma amarra ou uma chave para liberdade?

Artista: Nem amarra nem chave, isso é a própria liberdade! Os meios são apenas os meios, fascinadamente apenas os meios. O que está antes ou depois, na frente ou atrás, as vezes nem interessa tanto. Passamos a vida tentando! E para isso existem os meios. Ou seja, as vezes o processo do fazer é mais interessante que o próprio resultado ou que suas motivações.

Como disse o filósofo (acho que foi de novo Merleau Ponty): Não é o escultor que esculpe a escultura mas a escultura que esculpe o escultor! (e isso vale para todas as areas do fazer)

10. Paulo Reis: Do ponto de vista da curadoria da mostra *Razão e Sensibilidade*, a preocupação central foi precisamente exibir a relação existente entre a admiração que a arte suscita, sensibilidade, com o pensamento por trás da obra, razão. Sabemos que a arte é um bem supremo da Humanidade e que toda pessoa tem o direito de conhecê-la. Se por um lado temos as grandes mostras, temos uma constante queixa: a de que o público não entende grande parte das obras nelas expostas. O que é preciso para se entender as razões da arte contemporânea, para além da sensibilidade?

Artista:... Não creio na necessidade de se entender uma obra. Prefiro deixar que ela me leve para um lugar quanto mais desconhecido melhor.

Cito Albert Camus (ilustrando o tema desta mostra) – “O Acaso é a divindade da Razão”